

## COLETIVOS NO EXTREMO DA ZONA OESTE DO RIO: UMA ESTRATÉGIA PARA DRIBLAR A DESIGUALDADE DE ACESSO À ARTE NA CIDADE POLO CULTURAL DO BRASIL

Débora Suzano<sup>1</sup>

### RESUMO:

Esse artigo é fruto de uma pesquisa sobre coletivos culturais na zona oeste do Rio de Janeiro feita a partir de dados gerais sobre a gestão cultural da cidade, coletados até o presente momento. Nesta ocasião, será realizado um mapeamento de museus e centros culturais reconhecidos pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, buscando, assim, corroborar a hipótese de que há áreas privilegiadas e preteridas para investimentos em arte e cultura pelo poder público. Dados demográficos também serão apresentados com o objetivo de demonstrar que a maior parte da população do Rio tem um acesso dificultado à museus e centros culturais. Esta é uma pesquisa em andamento, a ser concluída em aproximadamente um ano. Neste estudo serão apresentados o objeto e objetivo desta pesquisa, assim como seus resultados parciais.

**Palavras-chaves:** Zona Oeste; Rio de Janeiro; Arte; Desigualdade.

### ABSTRACT:

This article is the result of a research on cultural collectives in the west zone of Rio de Janeiro made from general data on the city's cultural management, collected so far. In this occasion, a mapping of museums and cultural centers recognized by the City Hall of Rio de Janeiro will be done, seeking to corroborate the hypothesis of privileged and neglected areas for investments in art and culture by the public power. Demographic data will also be presented in order to demonstrate that most of Rio's population has difficult access to museums and cultural centers. This is a research in progress, to be concluded in approximately one year. In this study the object and objective of this research will be presented, as well as its partial results.

Key Words: Zona Oeste; Rio de Janeiro; Art; Inequality.

### Introdução

---

<sup>1</sup> Mestranda - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.  
Email: [debora\\_ssuzano\\_rj@hotmail.com](mailto:debora_ssuzano_rj@hotmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9285-0018>

Ao observarmos a cidade do Rio de Janeiro como um território diverso e que abrange variadas classes sociais, podemos notar também a desigualdade social presente nas diversas regiões que compõem a cidade. Como elemento da desigualdade social na ocupação espacial da cidade, discutida desde a Escola de Chicago (PARK, 1984), se faz presente a desigualdade de acesso a arte. O conceito de arte pode ser multiplamente interpretado, porém, aqui neste estudo, é importante frisar o objetivo de analisar a arte em sua forma social legitimada (BOURDIEU, 2007), alocada em locais físicos de apresentação e exposição, ou seja, equipamentos culturais como: museus e centros culturais. Nesta oportunidade, analisaremos locais fomentados pela gestão pública e/ou parceiras público-privadas, como o objetivo de demonstrar que a desigualdade social se reflete na divisão artístico-cultural da cidade. Como contraponto, nesta análise buscaremos coletivos que funcionam como centros culturais em regiões extremas da cidade, ocupando um vácuo deixado historicamente pela gestão cultural do município, buscando assim produzir e fornecer e acesso à arte para população local.

O principal objeto deste artigo, portanto, são coletivos independentes que produzem arte na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro e os discursos produzidos por eles. O viés social e politicamente engajado destes produtores culturais independentes está ativamente presente em suas falas e colocações públicas, onde buscam por reconhecimento e valorização local, além de considerarem a produção de arte na região da zona oeste uma atitude revolucionária, tendo em vista o baixo investimento em arte no território.

Para a análise do objeto de estudo foram utilizados métodos de pesquisa que englobam: pesquisa de campo, acompanhamento em redes sociais e levantamento e análise de dados quantitativos. A fundamentação teórica desta pesquisa utiliza-se principalmente de escritores como Pierre Bourdieu (2007) e Howard Becker (2008) e seus conceitos de distinção e transgressão. A área de atuação desta pesquisa está alicerçada na Sociologia da Arte, pois percebe a arte como critério na organização urbana, sendo utilizada como fator de valorização e desvalorização em determinadas áreas da cidade.

A proposta de análise a ser adotada parte do macro para o micro, onde primeiro buscamos entender como se dá a organização de espaços culturais legitimados e reconhecidos pela cidade e qual a relação disto com a produção independente de arte. Buscando entender como, embora a cidade do Rio tenha se tornado um polo cultural nas últimas décadas, moradores da zona oeste carioca se tornam outsiders ao se interessarem pela arte, visto que embora haja um grande contingente de espaços culturais na cidade, eles não estão

democraticamente distribuídos no território da cidade e desta forma não estão verdadeiramente disponíveis para todos os seus moradores.

## **A desigualdade e a arte no Rio de Janeiro**

Neste levantamento, busco apresentar uma série de dados coletados com o objetivo de demonstrar em números que a desigualdade de classe na cidade do Rio de Janeiro está altamente ligada ao acesso à arte e cultura. Foram analisados nesta pesquisa dados referentes aos números de museus e centros culturais existentes na cidade, além de análise de dados quantitativos sobre as salas de cinemas nos bairros da região: Campo Grande, Santa Cruz, Guaratiba, Sepetiba, Cosmos, Paciência, Inhoaíba e Pedra de Guaratiba. Bairros do extremo da zona oeste e, conseqüentemente, os bairros mais distantes da área central da cidade.

O levantamento considerou o zoneamento estabelecido pelo Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade, que divide a cidade entre centro, zona sul, zona norte e zona oeste, e pelos órgãos planejamento urbanístico da cidade. Desde 1976 cinco Áreas de Planejamento delimitam os contornos do regramento urbano do Rio: AP1 (incluindo Centro, Paquetá, Zona Portuária), AP2 (incluindo as regiões administrativas da zona sul), AP3 (incluindo zona norte), AP4 e AP5, áreas que dividem a zona oeste entre AP4 (incluindo as RAs Barra da Tijuca, Cidade de Deus e Jacarepaguá) e AP5 (incluindo as RAs Bangu, Campo Grande, Realengo e Santa Cruz).<sup>2</sup> O que mais nos interessa aqui, são as subdivisões destas cinco áreas e a nítida divisão que ocorre na zona oeste, pois aparentemente, o lugar onde o morador da cidade do Rio se encontra nesta escala de 1 a 5, determina um nível de “*carioquice*”, e o quanto este morador possui ou não direito à cidade e a seus espaços de cultura e lazer.

## **A organização geográfica e artística carioca**

Como dito anteriormente, na cidade do Rio de Janeiro há uma grande concentração de espaços culturais e, nas últimas décadas, ela tem se empenhado em aumentar esta concentração. A título de exemplificação, a zona portuária, localizada no centro, recentemente foi palco de um intenso processo de musealização com a construção de dois grandes museus, o Museu do Amanhã e o Museu de Arte do Rio (MAR), que, juntos com obras e remoções, pretendeu tornar a área um circuito turístico de arte. A formulação do chamado “polo de criatividade da zona

---

<sup>2</sup> <http://riocomovamos.org.br/indicadores-regionalizados/area/area-de-planejamento-5/>

portuária” resultou de políticas públicas que partiram de diagnósticos em que a concentração da indústria cultural foi vista como um fator de impulso à economia criativa, em outras palavras, a cultura foi vista como fator de crescimento econômico para a cidade e Estado do Rio. (FLORIDA, 2002).

Ao olharmos superficialmente para a cidade, podemos enxergá-la como uma grande potência cultural ao comparada com outras capitais brasileiras. De acordo com esta afirmação da Secretaria de Cultura do Estado em 2016: “O estado do Rio é hoje o maior polo de economia criativa do país, segundo dados da Firjan, tendo superado o Estado de São Paulo”<sup>3</sup>. No município, a construção de uma imagem de capital criativa é ainda mais nítida, porém, ao realizarmos uma análise mais ampla, veremos que, mesmo uma cidade com tanta oportunidade artística e tamanho investimento público no desejo de transformá-la em um polo culturalmente atrativo<sup>4</sup>, há também áreas que não estão envolvidas neste cenário.

A grande concentração de espaços culturais na cidade do Rio está na zona central e, em seguida, na zona sul, que é também a área mais rica da cidade. Os números de espaços culturais no centro da cidade poderiam ser justificados pelo fato dessa ser a área mais movimentada da cidade, com grande fluxo de pessoas diariamente, pois mesmo não sendo uma região tão residencial quanto as outras da cidade, possui um grande contingente de estabelecimentos, prédios comerciais, empresas e escritórios públicos e privados, além de ser porta de entrada da cidade por conter pontos como o porto, rodoviárias e aeroportos. Sendo assim, poderíamos dizer que, localizados na zona central, esses espaços culturais são de fácil acesso aos demais moradores do Rio. Porém, a mesma justificativa não se aplica à zona sul.

---

<sup>3</sup> <https://lideriodejaneiro.com.br/2016/07/21/economia-criativa-e-sucesso-no-estado/>

<sup>4</sup> Segundo Adriana Rattes, secretária de cultura do Estado do Rio de Janeiro, entre 2007 e 2014, desde 2006, quando o governador Sérgio Cabral assumiu, tivemos um grande aumento de investimentos no setor. Em 2010, a Secretaria de Cultura funcionou com R\$ 70 milhões de investimento para a área-meio e para a área-fim, excluindo pessoal. Isso significa que, em relação ao que foi investido em 2006, o último ano antes da gestão do Sérgio Cabral, houve 620% de aumento em investimento em cultura. A maior parte desse valor foi destinada à área-fim, ou seja, ao fomento da cultura, às atividades finalísticas, enquanto outra grande parte foi investida na área-meio, ou seja, na manutenção e nas despesas de infraestrutura da política cultural. O que esses números dizem é que esses recursos chegaram à sociedade. Atualmente, temos na Secretaria de Cultura projetos e planos cujos orçamentos chegam ao dobro desse valor de R\$ 70 milhões. A cada ano incrementamos muito fortemente o orçamento da cultura. Isso se dá, naturalmente, graças ao incremento do próprio orçamento do Estado, mas também devido à nossa eficiência em estruturar uma gestão que mostra bons resultados. Por incrível que pareça em 2006 o orçamento destinado a investimentos no Estado do Rio de Janeiro era de R\$ 9 milhões, dos quais R\$ 3 milhões foram devolvidos, nem sequer foram gastos. Hoje a Secretaria de Cultura é campeã em execução orçamentária no Estado emantemos reuniões constantes com a Secretariado Planejamento, com a Secretaria da Fazenda e com o governador para acompanhar esses gastos e investimentos. Os resultados tem sido muito positivos e nosso orçamento continua crescendo em função disso." Consultado em: <http://fgvprojetos.fgv.br/noticias/entrevista-com-adriana-rattes-o-desenvolvimento-da-esfera-cultural-do-rio-de-janeiro>. 25.06.2017.

Para localizar o leitor que não tem total conhecimento da geografia carioca, explico que, a zona oeste é área mais distante deste centro. Ao tratar da arte na zona oeste esclareço que este trabalho pretende ilustrar não somente a arte suburbana e oriunda da população negligenciada e por vezes marginalizada, mas sim tratar da “margem da margem”, as ditas zonas invisíveis da cidade ou, em outras palavras, o “interior” da cidade do Rio de Janeiro. A definição interior é pouco usada, pois a cidade costuma ser dividida em zonas. Porém, creio que para o melhor desenvolvimento desta pesquisa não cabe esta divisão, pois socialmente ela não contempla a amplitude da realidade em questão.

Ora, a zona oeste não é a única onde há pobreza concentrada na cidade do Rio de Janeiro, porém este trabalho não visa apenas analisar a questão da pobreza, embora este seja um ponto essencial para entender o conteúdo desta pesquisa. O Rio de Janeiro como cidade dividida, chega a ser, por uma visão romancista e extremamente otimista, democrático ao alocar geograficamente realidades sociais distintas em um mesmo território, claro, há um abismo social que não pode ser ignorado, porém, a proximidade geográfica do centro e zona sul, favorece a visibilidade das favelas e/ou comunidades pobres ao redor, com isso, projetos e atividades culturais nesses locais ganham alguma notoriedade, mesmo que, por vezes, essa notoriedade seja a da romantização da pobreza e da favela pelas classes média e alta da sociedade carioca.

**Tabela 1: Distribuição de museus e centros culturais por regiões da cidade<sup>5</sup>**

Região (zona)	Centro	Sul	Norte	Oeste
	Centro (16)	Botafogo (4)	Mangueira (1)	Jacarepaguá (1)
	Gamboa (1)	Catete (2)	Bonsucesso (1)	Recreio (1)
	S. Cristovão (3)	Copacabana (3)	Manguinhos (1)	B. Guaratiba (2)
	Snt. Teresa (4)	Flamengo (1)		
		Gávea (1)		
		Ipanema (2)		
		Jdm.Botânico		
		(1)		
		Lagoa (1)		
		Rocinha (1)		
		A .Boa vista		
<b>Total</b>	24	17	3	4

A tabela acima nos mostra os números de museus e centros culturais por bairros e zonas. É importante ressaltar o grande número de museus e centros culturais da zona sul, em contraste

<sup>5</sup> Fonte: PINHO, Ana Lúcia Madureira. Um Guia sobre a Cultura do Estado do Rio de Janeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Diadorim Idéias, 2014.

com os números de museus e centros culturais das zonas norte e oeste, que estão em quantidade significativamente menor. Além do fato de que dos quatro dispositivos localizados da Zona Oeste, metade está na AP4 e nenhum está nos bairros da extrema zona oeste. Para entendermos quais os significados desses números é importante também que entendamos quais características demográficas dessas regiões.

**Tabela 2: População Residente, Área Total e Densidade demográfica: Estado e Cidade do Rio de Janeiro e áreas, 2010.**

	POPULAÇÃO	ÁREA (KM <sup>2</sup> )	DENSIDADE DEMOGRÁFICA (HAB/KM <sup>2</sup> )
ERJ	15.989.929	43.780	365
Rio de Janeiro	6.320.446	1.225	5.161
Centro e Zona Sul	1.303.785	133	9.794
Zona Norte	2.645.526	260	10.185
Zona Oeste	2.371.135	832	2.851

Fonte: IETS, com base em dados extraídos do Armazém de Dados/IPP (2010); para o ERJ: IETS, com base nos dados do Censo/IBGE (2010).

Nota: a diferença entre a área territorial do município calculada pelo IPP e a do IBGE ocorre devido à adoção de distintas metodologias e base cartográfica em seus cálculos.

**Tabela 3: Número de bairros por Região (zona)<sup>6</sup>**

REGIAO (ZONA)	CENTRO	SUL	NORTE	OESTE
	13	17	81	36

**Tabela 4: Porcentagem de bairros com museus e centros culturais por região (zona)<sup>7</sup>**

<sup>6</sup> Fonte: PINHO, Ana Lúcia Madureira. Um Guia sobre a Cultura do Estado do Rio de Janeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Diadorim Idéias, 2014.

<sup>7</sup> Fonte: PINHO, Ana Lúcia Madureira. Um Guia sobre a Cultura do Estado do Rio de Janeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Diadorim Idéias, 2014.

# Intratextos

REGIAO (ZONA)	CENTRO	SUL	NORTE	OESTE
	23%	59%	5%	8%

As porcentagens acima mostram como os bairros e, por conseguinte, a população da zona sul tem uma maior acessibilidade a museus e centros culturais, população esta que em comparação a população de áreas das zonas norte e oeste é consideravelmente menor. Logo, a maior parcela da população carioca possui acesso dificultado à espaços legitimados e institucionalizados de cultura, enquanto uma parcela menor possui um acesso facilitado, ao menos geograficamente. Não podemos ignorar aqui a questão nítida, sobre a divisão de classe sociais, ao analisarmos a arte como elemento de distinção de gosto e costumes de acordo com a classe social. Podemos afirmar que a arte no Rio de Janeiro, em sua grande parcela, tem sido pensada e programada para pessoas das classes média e alta, sendo a zona sul a área mais rica da cidade. Juntas, a população das zonas oeste e norte agrupam 80% da população carioca, logo, não há uma lógica de proporcionalidade presente na distribuição de espaços culturais na cidade.

**Tabela 5: Porcentagem de Pobres, Coeficiente de Gini e Renda Domiciliar Per Capta: Estado e Cidade de Rio de Janeiro e Áreas, 2010.**

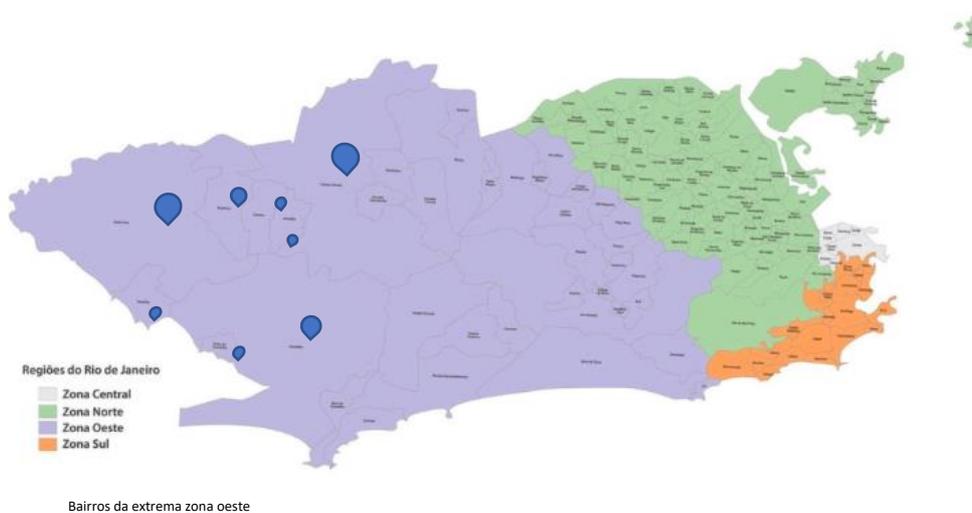
	% DE POBRES	COEFICIENTE DE GINI	RENDA DOMICILIAR PER CAPITA (EM R\$ POR MÊS DE JULHO DE 2010)
ERJ	26,0	0,599	990,72
Rio de Janeiro	20,9	0,639	1.414,19
Centro e Zona Sul	12,2	0,626	2.865,27
Zona Norte	22,7	0,538	903,36
Zona Oeste	23,8	0,637	1.186,17

Fonte: IETS, com base em estimativas produzidas a partir de microdados e de dados do Censo/IBGE (2010).

Há também algumas diferenças substanciais entre as zonas norte e oeste, pois, mesmo com números de moradores bem parecidos, a área geográfica de cada região é essencial para compreender a questão de acessibilidade aos espaços culturais. A zona norte mesmo composta

por 81 bairros, é também a menor zona da cidade, a maioria de seus bairros são pequenos e com fácil locomoção entre eles. Por outro lado, a zona oeste é composta por 36 bairros, porém, juntos, compreendem a 73% do território da cidade do Rio, a região possui os três maiores bairros da cidade, sendo o primeiro deles, o bairro de Santa Cruz, o segundo Guaratiba e o terceiro Campo Grande.

**Imagem: Mapa administrativo da Cidade do Rio de Janeiro, dividido em bairros e zonas<sup>8</sup>.**



A questão da locomoção é uma diferenciação essencial a ser observada, a zona norte conta com maior mobilidade urbana em comparação com a zona oeste. Todos os ramais de trens urbanos, por exemplo, cortam os bairros da zona norte, enquanto na zona oeste há um único ramal. Além de mais acesso à trens, o MetrôRio também compõe o transporte urbano da região. Recentemente, em 2016, foi inaugurada a linha 4 do MetrôRio, a única com ligações à zona oeste, porém o único bairro com acesso é a Barra da Tijuca, bairro de classe média alta da zona oeste.

## Coletivos mapeados

---

<sup>8</sup> Os bairros sinalizados são: Campo Grande, Santa Cruz, Guaratiba, Sepetiba, Cosmos, Paciência Inhoaíba e Pedra de Guaratiba. Fonte: Painel regional: Rio de Janeiro e bairros/ Observatório Sebrae/RJ.- Rio de Janeiro: SEBRAE/RJ 2015. Fonte: MUSEUS DO RIO. Disponível em: <http://www.museusdorio.com.br/site/index.php/museum-estado-do-rio/regiao-metropolitana>. Acesso em 05 jan. 2019.

O primeiro contato com a Coletiva mulheres de Pedra<sup>9</sup>, ocorreu durante um sarau em uma praça no bairro de Sepetiba. Na ocasião, após a apresentação de Elekô<sup>10</sup>, filme de curta metragem produzido pela coletiva, Leila de Souza umas das fundadoras e principal coordenadora do coletivo, tomou a palavra. Em seu discurso, ela chamou a atenção principalmente à produção de cultura, arte e especificamente cinema na zona oeste, enfatizando que, além da região ser prejudicada pela falta de investimento em comparação ao restante da cidade, há ainda dentro deste território uma desigualdade entre os bairros. Assim Pedra de Guaratiba, onde se localiza a coletiva, e alguns outros bairros, também citados aqui, têm números relacionados a arte e cultura baixo da média ainda que comprados aos outros bairros da própria zona oeste.

O mapeamento realizado até o presente momento conta com seis coletivos. Além da Coletiva Mulheres de Pedra, temos: O Coletivo Cadeira Cultural, Coletivo Oeste, Eco museu de Sepetiba, Eco museu de Santa Cruz, IFHEP – Instituto de formação humana e popular.

Esta publicação retirada de uma das redes sociais do Coletivo Oeste exemplifica bem a discussão em análise nesta pesquisa:

“Você já se questionou sobre a localização da maioria das atividades culturais promovidas no Rio de Janeiro e o quanto isso afeta a sua relação pessoal com a produção cultural? A efervescência cultural da Zona Oeste não recebe os investimentos necessários para a concretização de seus projetos, nos distanciando da celebração de nossos próprios artistas e suas produções. É preciso intervir nessa realidade e fazer com que mais projetos como o nosso aconteçam e recebam um olhar atento por parte do Estado, empresas e incentivadores. Queremos trabalhar juntos para uma mudança no cenário do acesso à cultura, subversão das barreiras territoriais impostas em nossa cidade e fortalecimento de nossas próprias relações com a produção cultural do nosso território.” (COLETIVO OESTE, 2019)

Na prática, a proposta é realizar uma análise de discurso dos pequenos coletivos localizados na área estudada, identificando dentro desses discursos, elementos em comum. Através do mapeamento e seleção desses coletivos foi possível observar alguns elementos, como por exemplo o fato de que na zona oeste a atuação da arte acontecer em um movimento de baixo para cima. A questão a ser tratada é, de pertencimento e reconhecimento. A arte neste caso é usada como forma de protesto, de forma crítica à pouca intervenção e fomento da prefeitura na área cultural da região. Instituições, como os Ecomuseus e outros pequenos coletivos independentes, pretendem fazer um resgate da memória destes bairros e da

---

<sup>9</sup> O grupo prefere o uso do termo ‘Coletiva’, em referência ao feminino.

<sup>10</sup> Ver: [https://www.youtube.com/watch?v=EdcguHwyY\\_Y&list=PLTN3S7LhT43HucZx7kvvayyE4REGJNVCx](https://www.youtube.com/watch?v=EdcguHwyY_Y&list=PLTN3S7LhT43HucZx7kvvayyE4REGJNVCx)

importância deles para a formação histórica da cidade como um todo (CHAGAS, 1999), trabalhando assim, a autoestima do morador local, como é possível observar nesta publicação extraída das redes sociais do Eco Museu de Sepetiba.

“Uma experiência de “Redescoberta” do bairro histórico de Sepetiba por seus moradores, e, definitivamente surpreendente para os visitantes, onde podemos reencontrar com o notório passado do bairro nas ruínas do antigo cais e na Ilha do Marinheiro, com a natureza se recompondo, se recuperando e nos dando esperança em nosso rico manguezal, onde podemos desfrutar da bela paisagem da baía de Sepetiba, observar os sambaquis, aproveitar momentos aprazíveis em contato com a natureza, enfim, uma experiência fascinante e verdadeiramente inesquecível! Passeio de Reconhecimento orientado, idealizado e realizado pelo Eco museu de Sepetiba. Os passeios de Reconhecimento foram criados pelo Eco museu de Sepetiba no ano 2010, voltados aos seus moradores, com o objetivo de Reconhecer e Redescobrir o que nos dá identidade! O Eco museu de Sepetiba realiza há 9 anos um trabalho de divulgação e valorização da história e memória local, de conscientização ambiental e de educação patrimonial sua presença, sua participação, incentivo e divulgação são muito importantes para nós, pois realizamos um trabalho totalmente voluntário!” (ECO MUSEU DE SEPETIBA, 2019).

## Lonas Culturais

Com uma proposta que vai na contramão desta desigualdade e falta de acesso, as Lonas Culturais, que são espaços de cultura criados pela prefeitura do Rio nas zonas oeste e norte, tem como intenção promover a democratização da cultura e a inclusão dos moradores destas regiões. Criadas a partir de 1993, com as lonas da Conferência Eco1992, as Lonas culturais tiveram apoio de Ricardo Macieira, então secretário de cultura do município. O discurso do projeto consiste em descentralizar a produção artística. Assim, segundo a prefeitura, as Lonas se tornariam um poderoso incentivo ao surgimento de artistas em áreas periféricas do Rio. Em geral as Lonas oferecem oficinas de teatro, música, dança e poesia, além de atrações artísticas a preços populares. As dez lonas espalhadas pela cidade estão nos bairros de Campo Grande, Santa Cruz, Bangu, Realengo, Vista Alegre, Anchieta, Guadalupe, Maré, e as mais recentes nos bairros Jacarepaguá e Ilha do Governador. Destas dez, cinco estão na zona norte e cinco na zona oeste. A proposta positiva esbarra na realidade, criadas em 1993, algumas destas lonas só funcionaram plenamente no início de suas atividades, hoje passam por um processo de degradação, resultado da falta de manutenção, e algumas estão com as portas fechadas, como é, por exemplo, o caso da Lona cultural de Santa Cruz que não possui uma agenda ativa, e está fechada para a população depois de uma perícia da defesa civil que apontou risco de desabamento do palco principal e do teto.<sup>11</sup>

---

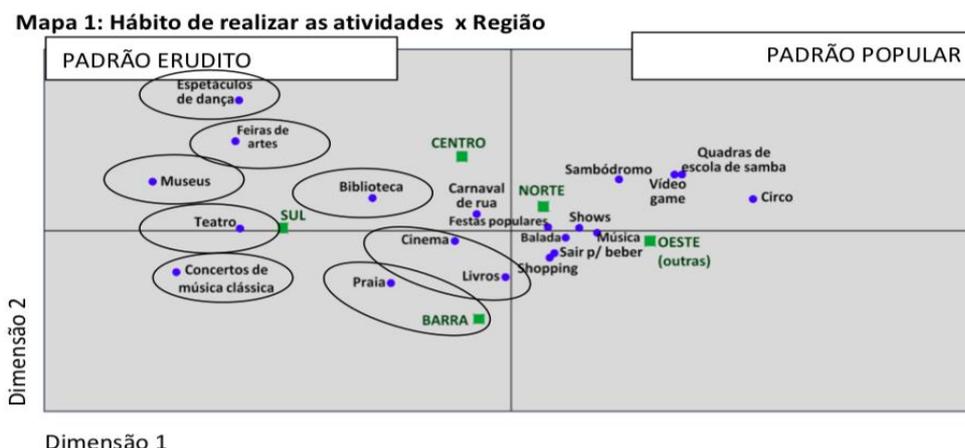
<sup>11</sup> Fonte: <https://oglobo.globo.com/fotogalerias/abandono-na-cultura-do-rio-arenas-lonas-culturais-cobertas-de-problemas-por-falta-de-manutencao-24643339>

## Cinema na Zona Oeste do Rio de Janeiro

Foram analisadas e mapeadas salas de cinema na região da área de planejamento 5, que compreende aos bairros de Santa Cruz, Campo Grande, Sepetiba, Guaratiba, Cosmos, Inhoaíba, Paciência e Pedra de Guaratiba. A escolha desta área específica para análise se dá pelo fato desta ser a área composta pelos bairros mais distante do centro da cidade, além de como já dito antes, os bairros de Santa Cruz, Guaratiba e Campo Grande são os três maiores bairros da cidade, tornando assim a locomoção entre um bairro e outro mais demorada e dificultosa, com tempos que variam de 30 minutos a 1 hora, utilizando um transporte coletivo comum. Dos oito bairros analisados nesta pesquisa, apenas um possui salas de cinemas, nesta área todas as salas de cinemas estão localizadas dentro de Shoppings, o Park Shopping com sete salas de cinema e o West Shopping com cinco, localizados em Campo Grande. Para fins de comparação, a sala de cinema mais próxima à Pedra de Guaratiba fica a aproximadamente 1 hora de distância do bairro.

Além do pouco acesso, é importante pensarmos sobre quais os filmes um cartaz nos cinemas da região, pois no geral são os filmes ditos populares, com gêneros que variam do infantil até o terror. Porém os filmes com temas políticos e/ou de reflexão social são alocados em cinemas localizados em áreas mais ricas da cidade, e assim se restringem a um público com maior poder econômico e consecutivamente conhecimento intelectual. Exemplo disso, o filme Campo Grande (2015), um drama que se passa nas ruas do bairro com seu nome, exibido em todo o país, porém nenhuma das salas de cinemas do bairro Campo Grande exibiu o longa-metragem. Na zona oeste, apenas um cinema na Barra da Tijuca esteve com o filme em cartaz. O maior número de salas com exibição do filme estava na zona sul. No livro "Os Estabelecidos e os Outsiders" (ELIAS e SCOTSON, 2000) os autores nos contam, entre outras coisas, como títulos de cinema restringidos em determinados temas podem influenciar o gosto e até mesmo o comportamento dos grupos sociais que serão público-alvo desta programação.

Imagem 2: Hábitos culturais dos cariocas por zona<sup>12</sup>



Não à toa, os hábitos culturais da população da zona Sul estão voltados para atividades legítimas de arte e cultura, a população com maior renda e maior acesso a estes dispositivos deles usufrui. Em resumo, só podemos gostar daquilo ao que minimamente temos acesso, logo, a zona oeste em comparação a outras zonas da cidade está em desvantagem em relação ao desenvolvimento de futuros artistas, produtores e toda a gama de trabalhadores envolvidos no ramo cultural, além de perdas sociais e educacionais.

## Considerações finais

Este trabalho propõe, portando, compor cenário de discussão sobre a arte na cidade do Rio de Janeiro, pretendendo, a partir desses coletivos e seus discursos contribuir para preencher uma lacuna nos estudos a região da zona oeste da cidade que, embora pouco pesquisa em seu aspecto e potencial artístico e histórico.

A inserção ao campo de pesquisa está em andamento, e como dito no corpo deste trabalho, ainda não foi definido o número exato de coletivos a serem estudados, logo, os resultados parciais são apenas uma amostra previamente encontrada e não podem ainda apresentar uma resposta à hipótese. Portanto a pretensão deste trabalho é apresentar dados que dão início a problemática. A análise qualitativa dos coletivos será, portanto, feita num segundo momento, para compor a temática e assim alcançar um resultado completo. Os dados e análises apresentados aqui, iniciam uma discussão mais ampla ainda em desenvolvimento, com o

<sup>12</sup> Hábitos culturais dos cariocas 2013. População residente na cidade do Rio de Janeiro com 12 anos ou mais. Instituto de Pesquisa Datafolha. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4478506/4113215/HabitosCulturaisCarioca.pdf>. Acesso em 23/04/2019.

conteúdo levantando até aqui já é possível observar que a desigualdade social do Rio de Janeiro, dentre outros elementos, conta também com a arte para se perpetuar, excluindo a maior parte da população da cidade. Futuros estudos mais aprofundados sobre as subdivisões da zona oeste do Rio, poderão enriquecer ainda mais esta análise. Destrinchando a questão das classes sociais na região, podemos entender, além de outras coisas, quem são os agentes culturais da região, buscando saber também quem é o público-alvo destes espaços ditos de resistência.

## Referências

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção crítica social do julgamento**. Edusp, 2007.

COLETIVO OESTE. (2019) Rio de Janeiro. 05 jun. 2019. **Instagram: @coletivooeste**. Disponível em: <https://www.instagram.com/coletivooeste/>. Acesso em: 20 jan. 2020

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: < [http://www. ibge. gov. br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 13 fev. 2019

ECOMUSEU DE SANTA CRUZ. Site. Disponível em: <http://www.quarteirao.com.br/noph.html>. Acesso em 30 mar. 2019.

ECOMUSEU DE SEPETIBA. Site. Disponível em: [https://www.facebook.com/events/ecomuseu-de-sepetiba/passeio-de-reconhecimento/2232499530128861/?locale=pl\\_PL](https://www.facebook.com/events/ecomuseu-de-sepetiba/passeio-de-reconhecimento/2232499530128861/?locale=pl_PL) . Acesso em 15 fev. 2019.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, Jonh L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Zahar, 2000.

FLORIDA, R. **The Rise of the Creative Class**. New York: Basic Books, 2002.

INSTITUTO DE PESQUISA DATAFOLHA. **Hábitos culturais dos cariocas 2013. População residente na cidade do Rio de Janeiro com 12 anos ou mais**. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4478506/4113215/HabitosCulturaisCarioca.pdf>. Acesso em 23/04/2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Site. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/museus-ibram>. Acesso em ago 2019.

RIBEIRO, Caroline. **LONAS CULTURAIS MUNICIPAIS. Arte da periferia na vanguarda de cultura**. Site. Disponível em [http://www0.rio.rj.gov.br/pcrj/destaques/especial/lonas\\_culturais\\_2.htm](http://www0.rio.rj.gov.br/pcrj/destaques/especial/lonas_culturais_2.htm). Acesso em 20 jun. 2017.

MUSEUS DO RIO. Site disponível em: <http://www.museusdorio.com.br/joomla/>. Acesso em 05 jan 2019.

PARK, Robert E.; BURGESS, Ernest W.; MCKENZIE, Roderick Duncan. **The city**. University of Chicago Press, 1984.

**PINHO**, Ana Lúcia Madureira. Um Guia sobre a Cultura do Estado do Rio de Janeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Diadorim Idéias, 2014.

PREFEITURA DO RIO. Secretaria municipal de Cultura, disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/smc/centros-culturais>. Acesso em 20 abr. 2017

PREFEITURA DO RIO. Secretaria municipal de cultura, disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/smc/museus>. Acesso em 20 abr. 2017

PREFEITURA DO RIO. **Plano de mobilidade urbana sustentável da cidade do Rio de Janeiro**. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/pmus/mapa-da-rede-de-transportes>. Acesso em 08 de jan. 2019

SEBRAE. **Painel Regional: Rio de Janeiro e bairros**. 2015. Disponível em: [https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/RJ/Anexos/SebraePainel\\_CidadeRioDeJaneiro.pdf](https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/RJ/Anexos/SebraePainel_CidadeRioDeJaneiro.pdf) Acesso em 02 mar. 2019

SUPERVIA. Trens urbanos. Site disponível em: [https://www.supervia.com.br/sites/default/files/diagrama\\_de\\_linhas\\_-\\_horizontal\\_-\\_principal.pdf](https://www.supervia.com.br/sites/default/files/diagrama_de_linhas_-_horizontal_-_principal.pdf) . Acesso em 29 mar. 2019

ZOLBERG. Vera. Incerteza estética como novo cânone: os obstáculos e as oportunidades para a teoria da arte. **Dossiê artes e humanidades**. Ciências Humanas e Sociais em Revista, Seropédica v.31.